



EDUARDO PRADO COELHO

O FIO DO HORIZONTE

Dizer a arquitectura

Há um fenómeno novo na vida portuguesa. Proliferam as revistas populares e acessíveis de arquitectura. E que muitas vezes se vendem em quiosques.

Há um conjunto de pessoas que se habituou a comprá-las, a lê-las, a folheá-las para ver as imagens. É um público fiel, não necessariamente feito de profissionais. E por extensão envolve os apaixonados do *design* – cada vez em maior número.

Já em Paris tinha feito uma verificação: o público, sobretudo de estudantes, que procurava ouvir pessoas como Siza Vieira, era muito maior do que para um cineasta ou um escritor. Porquê, não sei. Mas quando organizei uma exposição de Siza Vieira no Centro Pompidou, com uma conferência do próprio, ao chegar vi tanta gente

Proliferam as revistas populares e acessíveis de arquitectura. E que muitas vezes se vendem em quiosques. Há um conjunto de pessoas que se habituou a comprá-las, a lê-las, a folheá-las para ver as imagens. É um público fiel, não necessariamente feito de profissionais

que supus que a fila era para algum espectáculo de cinema. Não era. Era para ouvir Siza Vieira. Muitos não puderam entrar.

Quando a Gulbenkian preparou uma conferência com Siza Vieira, foi um êxito semelhante. As pessoas espalhavam-se pelas escadas, tentando ouvir através do circuito sonoro. O entusiasmo era enorme. Intervinham. Sobretudo para colocar perguntas. Siza apresentava projectos e mostrava-se disposto a discuti-los.

É verdade que há nomes particularmente mediáticos e outros que o grande público desconhece. Uma das qualidades de uma revista como *Protótipo*, que Diogo Lopes concebeu, foi a de revelar com extrema seriedade o trabalho destes autores. Infelizmente, acabou, por falta de apoios.

A publicação mais recente é, suponho, *Mais Arquitectura*, dirigida e em parte realizada com um enorme empenhamento, por Sílvia Vieira, arquitecta profissional. Em cada número (vai no terceiro) temos uma informação importante. Temos ainda um entrevista central, que a Sílvia tende a realizar, um conjunto de projectos, fotografados com extremo cuidado, e dois ou três artigos de tipo mais teórico, quer em termos de movimento de ideias, quer de progressos tecnológicos.

No número 3, na parte informativa tive o prazer de ler uma visita de alunos ao projecto do Bom Sucesso, junto à lagoa de Óbidos. O Bom Sucesso, que vai alterar a paisagem da zona, tem 241 moradias e a participação de grandes nomes da arquitectura mundial: desde o arquitecto catalão José Llinàs até ou do inglês David Chipperfield. Do lado português, quase todos os nomes importantes, de Siza Vieira a Souto Moura, de Gonçalo Byrne a Manuel Aires Mateus.

Assinalemos ainda uma interessantíssima entrevista com Frederico Valsassina, em que este acentua sobretudo a relação entre o projecto e obra a fazer-se e a relação de cada projecto com as dimensões sociológicas do lugar, os percursos, as relações entre as pessoas, as lojas à volta, o concreto da vida. O inverso do pós-modernismo. Temos ainda um excelente texto, mais universitário, de Bárbara Videira sobre a metodologia em construção da história do design, que neste momento é feita sobretudo de uma multiplicidade de histórias.

Um dos momento mais emocionantes deste número é a relação entre o silêncio das formas e a alegria da luz nos projectos de Álvaro Leite Siza Vieira. PROFESSOR UNIVERSITÁRIO